EDITORIAL

O artesão, factor potencial do desenvolvimento industrial

Artesão ou artífice qualificam o autor ou aquele que se empenha numa obra qualquer; engloba, pois, e também caracteriza o artista que cria e cultiva uma expressão popular de arte. De modo afrancesado, a condição de artesão exprime-se, no seu conjunto, por *artesanato*, neologismo vulgarisado em nossos dias mas de sentido correntemente restrito, com significado que incide preponderantemente sobre o carácter regional da obra de arte. Esta, na generalidade, é de feitura manual e quase sempre representativa de actividade tradicional ingénua e popular.

No nosso sequente discernimento, porém, vamos assentar no entendimento clássico que atribui ao artesão áreas muito vastas de porfias manufactureiras: ele será, pois, aquele que, por si, realiza ou se empenha numa obra qualquer; seja por objectivo e efeito de inspiração artística, seja por capacidade executória criada por disposição e habilidade pessoais para *artisar* (nos metais, na madeira, na electrónica) trabalho *exacto*.

O artesão é, pois, praticamente competente e operante para alcançar, por si próprio, segundo duas linhas perfeitamente diferenciadas, : 1) uma qualquer valia artística; 2) uma obra projectada e especificada, conseguida segundo as melhores *regras de arte* operacional.

Trataremos neste escrito apenas desta última qualidade do trabalho dos artesões. Neles vamos situar (com alguma ousadia) uma perspectiva de novos factores potenciais de desenvolvimento do produto interno industrial.

Eles respeitam a obras de altíssima qualidade, no rigor das operações que exigem, na complexidade que as qualifica e, necessariamente, no seu valimento específico. Centra-se nesta hipótese programática, a actividade que qualificamos para o artesão; dela partimos para o enunciado do tema proposto, como condição obviamente necessária mas muito longe de ser suficiente se a observarmos pelo contributo significativo para o processo de desenvolvimento socio-económico. Algumas opiniões que se seguem intentam clarificar este discernimento.

Antes de mais, terá de se enunciar a seguinte questão essencial: Efectivamente ou potencialmente, existem artesões em Portugal (na qualidade enunciada) em termos que perspectivem algum significado sócio-económico a tal actividade?

Talvez. Mas o seu recrutamento, a sua preparação, a coordenação dos seus ofícios e, sobretudo, a determinante motivação que pode escorvar o seu mester são pontos de partida irremovíveis para que a resposta possa fundamentar-se.

Entretanto, desviamo-nos um pouco do assunto e apresentamos algumas reflexões que focam certos aspectos sociais, propícios à definição de alguns sintomas positivos. Voltaremos a seguir à linha dorsal do tema.

●

Todos conhecem muitíssimos casos (no mundo das vivências profissionais, da ciência, das artes, dos negócios,...) de relevantes personalidades que escolhem para seu entretenimento de tempos vagos (em improvisadas oficinas caseiras) trabalhos variadíssimos, muitas vezes denunciadores de espantosa habilidade manual, onde conseguem realizar, com paixão, quase por vício, manipulações diversas que são o seu orgulho e o seu consolo.

No âmbito das actividades profissionais intensas de cariz intelectual, o artisar (fóra do seu ofício) é predilecção mais ou menos obcecante, que quase se pode generalizar a quantos vivem pressionados por agudeza absorvente das ocupações do dia a dia.

Tantos em tantas camadas sociais e tão diversificadas profissões procuram para os seus serões e feriados caseiros o *hobby* que os ocupe, seguindo o paradoxal derivativo em que se descansa de qualquer trabalho, trabalhando mais em ocupações diferentes.

Não referimos a infinidade de coleccionadores de tudo quanto há. Nem estamos a pensar nos recreios fruidos no domínio das manifestações artísticas. Nem, ainda, estamos a considerar o artisar de tantos que em trabalhos de mão ou em habilidade criativa, focam a autoria de verdadeiras obras de arte, as quais — muitas vezes — para além do âmbito familiar, são procuradas e admiradas.

Mas há, efectivamente, ainda outros que, com espantosa habilidade de mãos e meticulosa paciência, confeccionam, com alta precisão, sistemas mecânicos e electrónicos ou peças de metal ou de madeira, de notória complexidade, usando ferramentas e meios que as circunstâncias improvisam.

Tantos destes, conhecemos e admiramos.

Fóra do âmbito familiar, onde tal artesão resplandece e porfia, não se pode depreciar completamente o efeito dessa actividade, no que toca à vivência social, apenas por uma razão indirecta: a que pode deduzir-se de uma imposição de descanso espiritual, talvez individualmente necessário ao afã profissional, porque o facilita.

Contudo, na essência dessas habilidades e predisposições reveladas por tantas pessoas e por tão largas horas de porfiante aplicação, parece legítimo descor-

tinar-se uma reserva de potencialidades operantes capazes de produzir obra difícil, a qual já não seria possível desdenhar como influente da vida colectiva, se o trabalho desses artesões (chamemos-lhes intelectuais amadores) fosse coordenado e orientado para o acabamento de peças, a produção de instrumentos, a conjugação de componentes e as operações de montagem, de sofisticada aparelhagem de uso transcendente e invulgar.

É evidente que o divertimento preferido de cada qual, deixa de o ser (por definição) se se transforma em trabalho que o obriga. Ninguém acredita que os artesões por passatempo sejam, em si próprios, um valor potencial da produção industrial de instrumentos de alta precisão e complicada operância.

Pensamos, todavia, que, observando-os como «amostragem» em muitas camadas da sociedade portuguesa, pode detectar-se-lhes, com alguma certeza, sintomas positivos de existirem meios humanos, com aptidão e predisposição para artisar, entre muitos que não têm premente ocupação profissional nem procuram *hobby* repousante. Paciência e capacidade eficientes; vocação e desembaraço intelectual; experiência e teimosia na consumação de tarefas exclusivamente pessoais; notável habilidade manual para, com arte e precisão, vencer trabalhos meticulosos e difíceis; eis atributos que qualificam o artesão, no sentido restrito que lhe estamos a atribuir neste escrito.

São estas qualidades que poucos de nós não têm distinguido, alguma vez, entre alguém, na roda dos seus familiares ou amigos.

São muitos, potencialmente, os artesões portugueses? Deixamos aqui o nosso vaticínio de que, se conviermos em que sejam alguns, eles poderão não ser de sobra se vierem a ser motivados para a produção industrial. Voltamos ao desenvolvimento do tema.

•

O campo de aplicação dos artesões na órbita aristocrática da grande indústria transformadora — nomeadamente nos ramos da electricidade, da electrónica e da alta mecânica de precisão — situa-se nas pequenas obras e montagens de artefacto exclusivamente pessoal, na manobra de ferramental necessariamente manual e, fundamentalmente, na consumação de pequenas peças ou acabamentos cuja meticulosidade operacional exija aptidão invulgar.

É artisar (como definimos) cooperar com êxito em produções industriais daqueles tipos, capazes de responderem às mais rigorosas especificações.

Esses produtos têm mercado em escala fortemente progressiva em todos os lados do Mundo e caracterizam-se, em regra, por muito altos preços específicos, porque integram parcela muito importante que paga a concepção, a investigação e o projecto, mas onde incidem também os custos da arte e do primor exigíveis pela sua feitura.

Apresentam-se, como exemplo: equipamento laboratorial de imensa variedade; instrumentos e aparelhagem para diagnóstico e tratamento médicos; material sofisticado para medições em todos os campos da ciência; aplicações e experiências fotoeléctricas e de radioactividade; aparelhagem fotográfica de insólita e complicada utilização, etc. Estas maquinárias e aparelhos incorporam, na generalidade, pequenos componentes e montagens de primor, com características preciosas, dimensionais e de qualidade, rigorosamente obedientes a intransigentes especificações e regras de montagem. São sempre o fruto do devotado trabalho de artistas com aptidão especializadíssima nas regras da sua arte.

Não são precisas fábricas de pesado investimento corpóreo para lançamento da actividade de muitos artesões capazes de cooperar eficientemente em produções tão ricas. Eles são o suporte necessário aos grandes empreendimentos mundiais que as imaginam e investigam e projectam, e as lançam no mundo com marcas responsáveis que identificam as mercadorias especificamente mais preciosas entre os bens de equipamento.

Os países que são felizes em quanto respeita aos índices do seu desenvolvimento sócio-económico, encontram no trabalho dos artesões, acrescentamento significativo aos respectivos produtos internos. Efectivamente, independentemente da sua contribuição intrínseca, possibilitam e consolidam a expansão mundial de produções aristocráticas com vista a mercados largamente diversificados.

Os artesões, indirectamente, são, em verdade, motores efectivos de sensível influência na progressão dos produtos internos dos territórios desenvolvidos. Mas, entre os países que o não são, esta actividade pode também apoiar o seu ansiado desenvolvimento.

Pelo que nos toca, temos por dever fomentar em nosso território as iniciativas possíveis para lançamento e progresso de novas actividades rendosas.

Sabemos que nem tudo o que vem à rede é peixe. Nas circunstâncias nacionais, contudo, já não podemos hesitar: haveremos de incrementar o produto interno, experimentando e *furando* por muitos lados. A imaginação tem de ser espevitada e lançada em liberdade, abrindo todas as possibilidades ao trabalho português em nosso território. Lancemos as redes.

O que vier é ganho.

•

Admitindo a hipótese (de certo modo, optimista) de que, demograficamente, o nosso País dá resposta positiva, em qualidade e extensão, ao recrutamento e dinamização de uma classe privilegiada de artesões, potencialmente aptos e determinados para as feituras mais sofisticadas das electrónicas e das mecânicas muito exigentes de rigorosa precisão, teriamos criado potencialidades humanas que caracterizam o condicionalismo necessário para o lançamento de um ramo industrial importante cuja viabilidade acarretaria contributo, sempre desejável, para o incremento do produto interno.

Mas, se assim fosse (e talvez seja) aquela condição estaria muito longe de ser suficiente. Essa circunstância, eventualmente detectável, não seria — por si só — nada mais que uma promessa; a economia social não se move apenas disto: são precisas forças exteriores ao sistema para produzir trabalho útil.

Perante a conjuntura depressionária, o nosso inconformismo terá de nos abrir o caminho a iniciativas e imaginação de quem — no sector público como no privado — se institui no comando da nossa expansão industrial. Tem de haver coragem para «arriscar» e criar «novidade». Devemos conjugar e dinamizar as forças de arranque. Neste capítulo do fomento industrial, enquadram-se — antes de mais — a definição dos objectivos e a programação da intervenção e do apoio do Estado às iniciativas criadoras.

Entre aqueles, situam-se a preparação e a oferta de postos de trabalho de artesão em quantidade e em qualidade que as torne conhecidas e aliciantes às grandes empresas mundiais, para a procura desse trabalho

em nosso território ou para a sua associação, em termos de fabricação nacional de aparelhagem de sofisticada concepção, ou, ainda, da aquisição de conjuntos ou peças cientificamente especificadas e rigorosamente garantidas.

Apoiada na viabilidade eventual de factores humanos, na conjuntura portuguesa, a acção de prospecção daqueles mercados externos caberá tanto a iniciativas de actividades privadas como a promoções do próprio Estado, compreendidas nas funções atribuídas ao Gabinete de Promoção do Investimento (n.º 2 do artigo 27 do decreto-lei n.º 548/77 de 31 de Dezembro).

Mas a mais importante e indispensável intervenção estatal para fomento de nova e potencialmente rendosa actividade industrial, acessível aos residentes nacionais deve operar-se e está contemplada através dos objectivos perspectivados para o recentemente criado Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (artigo 24.º daquele citado diploma).

Com efeito, a assistência tecnológica do Estado exercer-se-ia através de preparação técnica e prática de artesões, para o efeito inscritos, e na estruturação do próprio Laboratório em máquinas ferramentas e em aparelhagem de medida de altíssima precisão, que seriam facultadas aos executantes autónomos, para operações de desusada meticulosidade impossíveis de atingir em pequenas oficinas caseiras.

Por outro lado, está também na órbita do Laboratório o apoio analítico necessário à certificação e *controlo* da qualidade dos produtos, bem como à respectiva inspecção e fiscalização técnicas (alínea C do mencionado artigo).

As empresas privadas ou mistas, os artesões (por si ou agrupados) e quaisquer instituições empreendedoras (nacionais ou estrangeiras) encontram, na orgânica decretada para o Ministério da Indústria, o caminho possível para, com base no apoio do Estado e na coordenação de esforços, viabilizar a abertura a novo proveito nacional que, qualquer que seja, faz sempre falta à medida modesta do nosso produto interno.

Foquemos ainda outro aspecto ligado ao papel do artesão na sociedade portuguesa, decorrente do seu engenho e da sua arte em manipular e confeccionar.

Medem-se por muitos e persistentes casos da mais larga diversidade, os aparelhos despendiosos em funcionamento no nosso País que param por avaria ou por falta de manutenção especializada. Todos se apercebem dos prejuízos e das dificuldades que se encontram na recuperação de aparelhagem empanada e o desespero dos utentes responsáveis na busca de soluções sempre contingentes e demoradas.

Damos por exemplo o que se passa, com prejudicial frequência, em aparelhagem nos serviços médicos dos hospitais.

Resolver bem situações complicadas deste género é, sem contestação, uma obra de arte (fácil ou difícil) digna de artesão capaz e hábil e muito devotado à paciência e à determinação requeridas.

Esta é uma via para possibilidade de interesse significativo que se abre aos artesões, quando tecnicamente apoiados pela assistência técnica de quem conhece ou estuda o funcionamento da aparelhagem ou inclusivamente a forneceu.

Ainda o Laboratório pode habilitar-se a tal assistência técnica através dos artesões inscritos e por si preparados, treinados e considerados habilitados.

De quanto dissemos, podemos resumir em síntese que o trabalho de artesão é factor de interesse sócio-económico. É inoperante, todavia, se as potencialidades existentes não forem coordenadas e aliciadas por acções estranhas que possibilitem e escorvem mercados possíveis.

Paralelamente, em quanto respeita ao apoio técnico e à certificação analítica indispensáveis, há-de contar-se com a acção didáctica e complementar de órgãos do Estado cujos objectivos e funções a contemplam.

O planeamento de novas actividades do sector produtivo e a expansão do produto interno situam-se, obviamente, entre os grandes propósitos de qualquer adequada política de desenvolvimento.

As reflexões que aqui expressámos quanto à eventualidade de uma actividade acessível ao artesão nacional pretendem apenas significar que, neste campo, o fomento industrial não necessita de grandes investimentos nem de programas de realização que ultrapassam muito a coordenação, o aproveitamento e a preparação de valores humanos provavelmente existentes ■

F. do A.